

I Congreso Internacional de Antropología AIBR

7 a 10 de Julio, Madrid, Espanha, 2015

Panel: Antropología de los medios

El libro: un producto de la industria cultural

Isabel Travancas

Resumen:

Al libro se lo considera frecuentemente un objeto elevado y sacralizado y pocas veces se lo ve como un producto mediático. Esto tal vez ayude a entender su ausencia en las investigaciones antropológicas sobre los medios de comunicación. El objetivo de este trabajo es, mediante un recorrido por la historia del libro y de la lectura, analizar de qué manera este producto es leído e interpretado en la contemporaneidad por los jóvenes adolescentes. En una primera etapa teórica, partiendo de la Escuela de Constança y de su estética de la recepción, pasando por la visión de Iser sobre el rol del lector y por la discusión iniciada por Eco sobre el lector modelo, se llegará a las investigaciones sobre la recepción. En una segunda etapa, más empírica, se analizará, a partir de una investigación comparativa, la experiencia de lectura vivenciada por adolescentes de Río de Janeiro (Brasil) y de Barcelona (España), en los comienzos del siglo XXI. Se aplicaron cuestionarios, se realizaron entrevistas grupales e individuales con aproximadamente 40 estudiantes de cada ciudad con el objetivo de oírlos hablar sobre el tema del libro y de la lectura. El campo se constituye de las escuelas públicas y privadas en las que dichos jóvenes, de 13 a 17 años, estudian y tienen contacto con la lectura. Para muchos adolescentes este lugar adquiere un importante papel en la construcción de su relación con el libro, ya que la lectura es asociada comúnmente a una obligación escolar y no a una actividad recreativa y de placer.

Palabras-clave: lector, medios, libro, lectura

Introdução

O livro foi durante séculos considerado um objeto nobre, sagrado. Ele tem um significado simbólico para as sociedades letradas. Para Jack Goody (1968:166) a distinção entre sociedade letradas e iletradas não está na dicotomia que se baseia nas radicais diferenças de atributos mentais entre estas sociedades, mas no fato de a escrita estabelecer um tipo diferente de relação entre a palavra e seu referente. Uma relação mais geral e mais abstrata, menos ligada às particularidade da pessoa, do lugar e do tempo, do

que a obtida na comunicação oral. A relação com a palavra, com o texto, varia de sociedade para sociedade, o que reforça a ideia de arbitrariedade do sentido em relação ao signo.

E o livro tem uma história, como afirmava o historiador norte americano Robert Darnton (1990:171). Se, ao longo de sua história, ele se modificou muito até chegar à brochura, tal como conhecemos hoje, esse processo não terminou. Novos suportes e novas tecnologias tem surgidos nas últimas décadas possibilitando novas práticas de leitura.

Entretanto, ele ocupa um lugar particular no contexto mais amplo da Indústria cultural nos termos de T. Adorno e M. Horkheimer (1985). Essa indústria “levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social” (1985: 100). Para os autores esse processo de uniformização afeta todos os elementos da produção, desde a concepção do romance até sua divulgação. A lógica do mercado prevaleceu sobre a qualidade da obra de arte e o foco dessa indústria é a diversão e sua ideologia o negócio. Assim, afirmam que “No próprio mercado, o tributo a uma qualidade sem utilidade e ainda sem curso converteu-se em poder de compra: é por essa razão que editores literários e musicais decentes puderam cultivar, por exemplo, autores que rendiam pouco mais do que o respeito do conhecedor. Só a obrigação de se inserir incessantemente, sob a mais drástica das ameaças, na vida dos negócios como um especialista estético impôs um freio definitivo ao artista.”

O livro talvez tenha sido o “produto” que mais resistiu a essa lógica. Certamente os *best-sellers*, sejam eles romances de grande empatia ou livros de auto ajuda, tem um lugar de destaque nessa indústria. Vendem milhares ou mesmo milhões de exemplares pelo mundo, se transformam em outros produtos dessa mesma indústria como filmes, mas essa mesma indústria editorial também dá espaço para pequenas editoras, livros mais artesanais e literatura sofisticada. Ainda que destinado a poucos leitores. E aqui parece fazer sentido a noção de distinção de Pierre Bourdieu e em como essa escolha pela “alta literatura” marca um lugar social, o pertencimento a uma classe. Para Bourdieu (2007: 460) “O senso de distinção, disposição adquirida, movida pela necessidade obscura do instinto, afirma-se não tanto nos manifestos e nas manifestações positivas da certeza de si, mas nas inumeráveis escolhas estilísticas ou temáticas que, tendo como princípio a preocupação de marcar a diferença, excluem todas as formas (consideradas em determinado momento como) inferiores da atividade intelectual (ou artística), objetos

vulgares, referências indignas, modos de exposição marcados por uma didática simplesmente monótona, problemas “ingênuos” (...) ou triviais”.

Assim, a ideia do livro como o produto dessa indústria, objeto de consumo em larga escala que não distingue seus leitores, nos aproxima da perspectiva adorniana de uma indústria que visa o lucro e de outro lado, da perspectiva crítica de Bourdieu em relação à construção dessa distinção através do livro e da leitura. Pensemos nos livros como objetos cuja função é conquistar o leitor. No mundo contemporâneo os livros são elaborados dentro dessa lógica de mercado. E a capa, como imagem primeira tem um papel fundamental.

Segundo o Dicionário do Livro (FARIA: 2008, p. 130) capa é “parte exterior de um documento, seja de que matéria for, destinada a protegê-lo. Pode conter o título da obra, o nome do autor e do editor, a data, etc; cobertura, página de cobertura, folha de papel sobre a qual se imprime o título da obra e que a envolve, enquanto brochura. Nos livros modernos, é feita usualmente de papel colorido, com desenhos mais ou menos vivos.” Ou seja, a capa tem uma função de proteção e de comunicação.

J. Tschichold (2007) afirma que o objetivo do designer do livro é criar um modo de apresentação cuja forma não ofusque o conteúdo, nem seja indulgente com ele. E o objetivo é o livro perfeito. O livro perfeito deve encontrar a representação tipográfica perfeita para o seu conteúdo. Isso significa escolher uma fonte adequada ao texto, elaborar uma primeira página primorosa, com margens harmoniosas, espaçamento de palavras e letras impecável para conseguir atingir ao ideal estético que não deixe de lado a legibilidade. A função do design do livro é contribuir para a fruição da obra. Mas essa perspectiva que ressalta a importância do design do livro não é consenso.

T. Adorno (1991, p. 18), em seu artigo “Caprichos bibliográficos” lamenta que os livros não tenham mais a aparência de livros, pois o que interessa é a necessidade dos consumidores. Para ele, “impõe-se que os livros se envergonhem do fato de ainda serem livros e não filmes de desenhos animados ou vitrines iluminadas à luz de neônio (...) Isso prejudica os livros também como artigo intelectual. Sua forma significa distinção, concentração, continuidade: qualidades antropológicas que se extinguem.”

Com sua visão extremamente crítica, Adorno (1991, p. 21) já estava nos anos 1960, quando o texto foi escrito, percebendo uma mudança no mercado editorial, no caso europeu, e no aumento da preocupação estética com o livro. E diz: “aos livros que se

recusam a jogar segundo as regras da comunicação de massa atinge a maldição da arte industrial.”

O que diria Adorno sobre as livrarias atuais com suas vitrines chamativas e os livros com capas coloridas e sofisticadas? E do e-book e do audio livro? Modalidades do século XXI que nos colocam questões específicas sobre a concepção do livro e também sobre a sua própria recepção.

Pode se afirmar que o livro não tem sido um objeto privilegiado de pesquisa no campo da antropologia, não sendo muitas vezes entendido como um produto da indústria cultural, mas visto como um tema relacionado aos estudos literários ou históricos. E se são poucos os estudos sobre ele (PETIT: 2008, DAUSTER:2010, BOSI: 2009), mais escassos ainda são os trabalhos sobre a recepção de livros. Se olharmos, por exemplo, para a produção de dissertações e teses na área de Antropologia no Brasil nos últimos anos, notamos o quanto o livro, o mercado editorial e o leitor não tem sido tema de pesquisa. Os antropólogos trabalham com livros, estudam com eles e muitos escrevem livros, mas poucos os elegem como objeto de pesquisa. Da mesma forma que seus leitores raramente são foco de investigação, etnográfica ou não.

O livro, a leitura e a formação do leitor tem sido foco do meu interesse de pesquisa nos últimos anos. Decidi então investigar os adolescentes em duas cidades: Rio de Janeiro e Barcelona. Países distintos sendo o Brasil um país de jovens e conhecido por não ser leitor. Busquei averiguar como se dá esse contato com o livro na adolescência, se esses adolescentes lêem, como lêem e quais são as suas interpretações do que lêem, nos termos de Martin-Barbero (2001) que fala em *modos de ver* para pensar a televisão, pretendo discutir os *modos de ler*.

O livro - eixo central deste artigo - coloca, a meu ver, muitas questões em um momento de predominância de mídias digitais e audiovisuais. Ao mesmo tempo oferece uma gama ampla de estilos e gêneros, ainda que se saiba que o romance é o gênero privilegiado dos leitores e do mercado editorial, tanto brasileiro como internacional.

A leitura e o leitor

A leitura é mais do que um aprendizado mecânico de letras e palavras que permite decodificar os significados. Como afirma o historiador do livro e da leitura Roger Chartier (1998, p. 77) ela é “sempre apropriação, invenção e produção de significados.” Trata-se

de uma produção social de sentido, como enfatizam outros historiadores e sociólogos. Sua vivência está fundamentalmente ancorada na cultura e é uma prática cultural e, como tal, varia de sociedade para sociedade, de grupo para grupo. E na escrita quem tem papel fundamental é o leitor. Um texto só vai existir se houver um leitor que lhe dê significado. O texto e a sua significação não existem descolados de tempo e espaço. Para Chartier (1994:9) “As obras – mesmo as maiores, ou, sobretudo, as maiores – não tem sentido estático, universal, fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam. Certamente, os criadores, os poderes ou os experts sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, a recepção também inventa, desloca e distorce.”

Chartier mostra o quanto esse processo de leitura se modificou ao longo dos séculos. Da passagem da leitura em voz alta para a leitura em silêncio. Da leitura que ele chama de intensiva para a extensiva. Intensiva entendida como leitura confrontada a poucos livros, baseada na escuta e na memória, sendo respeitosa e quase sacra. Já a leitura extensiva significaria o consumo de muitos textos, passando de um para outro com versatilidade e sem qualquer conotação de sacralidade. Outro tipo seria a chamada “leitura da intimidade”, da solidão, tida como uma das bases para a constituição de uma esfera do privado, contrastando com leituras públicas e coletivas.

Ao mesmo tempo é também Chartier (1998:78) quem afirma que a história das práticas de leitura, depois do século XVIII se modificou muito e se tornou o que ele denomina a “história da liberdade de leitura”. A iconografia chama atenção para isso com as imagens do leitor no meio da natureza, do leitor que lê andando, que lê na cama quando, até então, a imagem recorrente era daquele indivíduo recolhido em seu espaço privado.

Para o historiador da leitura Alberto Manguel (1997: 19), ler vem antes de escrever. “É o leitor que lê o sentido, é o leitor que confere a um objeto, lugar, acontecimento uma certa legibilidade possível. É o leitor que deve atribuir significado a um sistema de signos e depois decifrá-lo.” E por isso, a seu ver ler não é um processo automático de captura de um texto mas “um processo desconcertante, labiríntico, comum e contudo pessoal”.

“A leitura não é simplesmente uma habilidade e sim uma maneira de fazer sentido, que deve variar de cultura para cultura” afirma o historiador norte americano Robert Darnton (1990, p.159). Para o estudioso as razões de ser da leitura foram as mais variadas e continuam sendo. A leitura serve “para salvar almas, para refinar maneiras, consertar máquinas, seduzir namoradas, informar-se ou simplesmente entreter”. (1990, p. 155). E conhecer e entender as práticas leitoras de uma sociedade ou de uma época pode ser uma importante forma de acesso à sua história e à sua cultura. Um pouco como “dizes o que lêes e eu te direi quem és”. Darnton fez pesquisas minuciosas na França de antes da Revolução Francesa tendo como fontes primárias catálogos de empréstimo de bibliotecas e listagens de livreiros.

Hoje estamos habituados a uma leitura individual, silenciosa e extensiva. Lemos vários textos ao mesmo tempo e a linguagem virtual veio redimensionar esse aspecto com a idéia de hipertexto. E se a leitura no século XII e XIII era um gesto de escuta, hoje ela exige o sentido da visão para se realizar. Ainda que os audiobooks estejam reconfigurando esse cenário também.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (In Chartier: 1993:274) também vê a leitura inserida em uma prática cultural. Para ele “a leitura obedece às mesmas leis das outras práticas culturais, com a diferença de que ela é mais fortemente ensinada pelo sistema escolar, isto é, o nível de instrução vai ser mais poderoso no sistema dos fatores explicativos, sendo o segundo fator a origem social”.

Segundo Bourdieu sempre se pensa que ler um texto significa compreendê-lo, descobrir sua chave. E, na verdade, nem todos os textos são escritos para serem compreendidos neste sentido. Deve-se refletir sobre para qual uso ele foi produzido. Se sua intenção era comunicar uma maneira de fazer ou de agir, por exemplo. Como se para a leitura de um texto fosse importante perguntar sobre o seu *mode d'emploi* (modo de usar)

Martín Barbero (2001, p. 62) ao pensar a leitura como prática cultural na contemporaneidade afirma:

estamos diante de uma mudança nos protocolos e processos de leitura, que não significa, nem pode significar a simples substituição de um modo de ler por outro, senão a articulação complexa de um e outro, da leitura de textos e da leitura de hipertextos, da dupla inserção de uns em

outros, com tudo que isso implica de continuidade e rupturas, de reconfiguração da leitura como conjunto de modos muitos diversos de navegar pelos textos

O receptor na literatura

Literatura é um termo complexo e fugidio. Para Domício Proença (2007) a marca do texto literário é a sua plurisignificação. Ele é polissêmico e, portanto, pode apresentar muitos significados. A linguagem literária é conotativa e tem enorme liberdade em relação às normas porque a criação estética autoriza qualquer transgressão porque sua característica é a invenção. Mas não se pode esquecer que ela também está ligada à idéia de imitação, de mimesis.

O professor de literatura brasileira e escritor, Gustavo Bernardo (1999), em seu artigo sobre o conceito de literatura discorre sobre sua complexidade, apontando para as pistas deixadas por outros escritores e teóricos. Bernardo cita o poeta Fernando Pessoa quando este fala em mimese e catarse. O primeiro conceito controverso na área de teoria literária aponta para a perspectiva ficcional. Já a catarse pode ser entendida como uma espécie de purgação, que permite a identificação com os sofrimentos do personagem. Essa capacidade de produzir catarse está certamente entre os importantes recursos dos livros denominados *best-sellers* e, em especial, os livros para o público juvenil. É fundamental a identificação com o “mocinho” ou com a “mocinha”. Seja ele bruxo ou vampiro.

Ao nos determos no texto literário inevitavelmente iremos chegar ao seu destino: o leitor. Uma das primeiras correntes de pensamento a se preocupar de forma mais sistemática com o receptor foi a chamada Estética da Recepção da qual Hans Robert Jauss é um de seus mentores. Jauss nasceu na Alemanha nos anos 1920 e fez parte da Escola de Konstanz na qual um grupo de intelectuais ligados à área de estética e literatura se reuniam.

A ideia de experiência estética como atividade produtora, receptiva e comunicativa foi um ponto importante juntamente com a percepção do prazer estético como orientação fundamentadora. Ao mesmo tempo em que esta não é entendida como um privilégio dos especialistas.

Para Jauss (2001) há uma diferença entre o ato de recepção e o de interpretação. E é a hermenêutica literária, ou seja a teoria da interpretação de vários sinais como símbolos de uma cultura que irá estabelecer a distinção entre dois modos de recepção. O primeiro diz respeito a um processo em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo. O segundo reconstrói o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente por leitores diversos. Sua grande preocupação foi com a construção de uma teoria que desse conta do processo dinâmico de produção e recepção e da relação entre autor, obra e público.

Neste sentido, a recepção irá colocar a comunicação entre os dois lados da relação: texto e leitor. Entenderá esse processo em que o efeito será o momento condicionado pelo texto e a recepção como o momento condicionado pelo destinatário. A noção de um horizonte de expectativa tanto interno ao texto como um social será um conceito importante desta corrente.

Wolfgang Iser, outro pensador que faz parte do grupo de estudiosos da literatura e de sua recepção estética, irá colocar ao lado da teoria da recepção uma teoria do efeito estético. A seu ver (1979, p. 53) esta teoria “conduz, a partir dos processos de transformação, à constituição do sentido pelo leitor e descreve a ficção uma estrutura de comunicação.” A literatura é, portanto, comunicação e sua recepção como não significa um consumo passivo mas uma atividade estética, que aguarda uma aprovação ou recusa. Isso por que a relação com o texto é sempre ativa e receptiva: um leitor não pode concretizar a significação, o sentido potencial de uma obra, se ele não insere a sua pré-compreensão do mundo e da vida dentro do quadro de referências literárias do texto.

Nesta espécie de passeio pela literatura e sua recepção, chegamos no “bosque” do escritor e semiólogo Umberto Eco (1994). Ele usa o bosque como metáfora do texto narrativo e trabalha com a ideia de escolha do leitor diante do texto ficcional. Este leitor pode ser classificado em categorias. O leitor modelo, por exemplo, será uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador mas ainda procura criar. Não é o leitor empírico que é qualquer um que lê o texto. Já o autor como entidade empírica irá escrever a história e decidirá que leitor-modelo lhe compete construir. Havendo também o autor modelo que funcionará como uma voz que fala ao leitor afetuosamente, que quer tê-lo ao seu lado. Eco vai lançar mão da perspectiva de Iser(2001) e de seu leitor implícito para lembrar que a estrutura textual prevê a presença de um receptor. O leitor modelo de

Eco se parece com o leitor implícito de Iser. E se ele for modelo-implícito fará o texto revelar sua multiplicidade potencial de associações que são produto da mente do leitor sobre o material bruto do texto. Nesse processo é formulado algo que não está no texto mas representa a sua “intenção”. Fica evidente que para Eco (1994, p. 7) “o leitor é o ingrediente fundamental” da própria história.

A leitura no Brasil e na Espanha

As pesquisas sobre leitura nos dois países apontam diferenças muito grandes. A definição de leitor usada nas duas pesquisas é a mesma: alguém que leu ao menos um livro inteiro nos últimos três meses. Na terceira edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* de 2012, a população com mais de cinco anos de idade está dividida em 50% de leitores e 50% de não leitores. A média de livros lidos por habitante por ano é de quatro. Na pesquisa *Hábitos de Lectura 2012* realizada na Espanha 92% de toda a população com mais de 14 anos são leitores. Há uma diferença de critério entre as duas no que tange o universo da pesquisa. Uma leva em conta quem tem mais de cinco anos e a outra mais de 14 anos. A média de livros lidos por ano na Espanha é de 11,1.

Sabe-se que quanto maior a escolaridade, mais tempo é dedicado à leitura dos livros. No caso do Brasil, ficou claro, através da pesquisa, que grande parte da população abandona o livro ao sair da escola. Ela não tem ajudado a criar leitores e nem tem propiciado um vínculo entre livro e leitor que independa da obrigatoriedade e do ensino. A leitura não se tornou um hábito nem um prazer para uma grande parcela da população brasileira, segundo os dados deste levantamento. Sem dúvida, vários fatores contribuem para isso. O número de municípios sem biblioteca é um deles. Eram 1,3 mil em 2003.

Na Espanha a presença das bibliotecas está muito disseminada e estas são frequentadas por 30,% da população que lê principalmente em casa – 91,4%, seguida de no transporte 13%, 9,6% ao ar livre, 8,9% no trabalho, 5,6% em um café, 3,4% em uma biblioteca, 3,% na escola e 2,1% em outros lugares não especificados.

No Brasil apenas 7% da população usa com frequência uma biblioteca, 17% usa de vez em quando e 75% não usa. Estes dados já demonstram a relação distante dos brasileiros com as bibliotecas. Em relação aos lugares onde costumam ler a casa aparece em primeiro lugar com 93%, seguida da sala de aula com 33%, bibliotecas com 12%, o

local de trabalho 13%, os transportes 6%, a casa de amigos ou parentes 4%, os consultórios e salões de beleza 3%, os parques e praças 2% e outros 8%.

Um outro elemento presente na pesquisa nos dois países e que me parece relevante para pensar o lugar da leitura no imaginário da população e o significado simbólico do livro é a ideia do livro como um presente. No caso da população brasileira isso ocorreu com apenas 2%, com 11% alguma vez e 87% nunca recebeu um livro de presente. O livro não é considerado um objeto legítimo nem valorizado como um presente para ser oferecido no aniversário ou no Natal, por exemplo. Na pesquisa sobre leitura na Espanha não há uma pergunta específica sobre o livro como presente. A ideia de presente aparece apenas no item Razões de compra de um livro. 15% responderam à pergunta de porquê compraram o último livro para dar de presente. 72,3% responderam para se divertir e entreter e 7,3% para estudo.

O fato de uma grande parcela da população, no caso do Brasil, nunca ter sido presenteada com livros na infância é revelador. Ou seja, o livro não é considerado um presente, algo que uma criança ganhe, mereça ou goste. É inevitável lembrar do texto clássico do pensador francês Marcel Mauss (1974) “Ensaio sobre a dádiva” onde ele analisa o significado de dar, receber e retribuir como elementos fundadores da vida social. A antropóloga Maria Claudia Coelho (2006) em um estudo sobre a dádiva na sociedade brasileira destaca o quanto os presentes são vistos como “meios de comunicação” e possibilitam dar visibilidade a estados afetivos. E os afetos se expressam e são lidos por muitos grupos através do valor do presente e de seu significado como “é a sua cara”, “é uma lembrancinha” o que me faz pensar na ausência do livro dentro da categoria presente como algo que você dá ao outro. O presente é expressão do seu afeto pelo outro. Não leitores certamente não pensarão no livro como um presente desejável.

A pesquisa e a metodologia

O lugar da pesquisa, tanto no Rio como em Barcelona foi a escola. Na cidade brasileira foram cinco escolas, três públicas e duas particulares, de regiões e bairros social e economicamente diversos. Na Catalunha foram quatro escolas, também de zonas com perfis bem distintos, mas todas elas públicas ou “concertadas”, termo usado para escolas

mistas, não só públicas ou privadas. Diga-se de passagem que a grande maioria das escolas em Barcelona tem esse perfil.

Nas escolas, depois de um contato anterior, fui recebida com muito interesse e em todas pude aplicar os questionários entre os alunos com tranquilidade. No Rio de Janeiro foram aplicados 222 questionários. 51,6% de homens e 48,4% de mulheres. A média de idade foi de 13 anos com de 10 a 17 anos. 71,6% dos estudantes estão no ensino fundamental e o restante no ensino médio. Sobre o que preferem ler o livro aparece com 41,4%, seguido de sites na internet com 32% e revistas com 16,7%. A principal indicação de livro é a internet com 56,3%, seguida de um amigo com 46,8%. 73,9% afirmaram que a mãe é leitora e o pai 65,3%.

Em Barcelona foram aplicados 248 questionários. 55,3% são homens e 44,7% mulheres. A média de idade foi 14 anos com jovens de 10 a 19 anos. 78,9% afirmou que tem o hábito de ler e 21,1% não tem. O livro aparece entre o que mais gostam de ler com 29%, seguido de páginas da internet com 29% também e revistas 23%. Escolhem um livro principalmente por indicação de um amigo. 34% e 20% por que viu na biblioteca. Para os jovens espanhóis 66,7% das mães são leitoras e 44,1% dos pais o são.

Os questionários, além fornecerem dados sobre o universo pesquisado, tiveram a função de ser o instrumento para a seleção dos jovens para as entrevistas, segunda fase da pesquisa. Ele buscava estudantes com vontade de falar. No Rio as entrevistas foram individuais, em Barcelona em grupo. Percebi que eles poderiam ficar mais à vontade e assim não darem respostas curtas ou monossilábicas. Se no início se mostravam tímidos, aos poucos ficavam mais relaxados. As conversas foram estimulantes, trocavam ideias entre si, um ajudava o outro a lembrar de um livro e várias vezes discordavam. Tudo isso me permitiu conhecê-los um pouquinho mais.

Na pesquisa a entrevista teve um papel fundamental. E neste tipo de entrevista, diferente da jornalística, o pesquisador não inquirir seu entrevistado, não julga seu discurso, suas atitudes, suas escolhas. Ele escuta. Ele não está em busca de uma resposta verdadeira, objetiva. O próprio fato de um entrevistado não querer responder a uma questão, por exemplo, pode dizer tanto dele e de sua visão de mundo, quanto uma resposta. Como salienta a antropóloga Michèle Petit (2008:55) que ouviu jovens franceses sobre a leitura.

O essencial ao se fazer uma entrevista é ser o mais acolhedor possível. As digressões que nem sempre tem uma ligação aparente com o assunto, são, na realidade, associações livres que fazem sentido. E a partir do que diziam nossos interlocutores, do que parecia organizar sua forma de falar, improvisávamos perguntas em função de hipóteses que surgiam *in situ*, e nas quais entrava uma dose de intuição. E é preferível esquecer um tema listado no roteiro inicial a não escutar o imprevisto. Aliás, sempre deixo de lado esse roteiro no momento da entrevista. Senão, nada se aprende além do que já se sabia.

As entrevistas fazem parte de um conjunto de elementos que compõem uma etnografia. Ela inclui também a observação participante, a produção de um diário de campo e o diálogo com uma bibliografia sobre o tema. Entretanto, o fundamental é a ideia de que ela é mais do que uma descrição densa, é um esforço intelectual em direção ao outro. O antropólogo espanhol Ángel Díaz de Rada (Olmo, 201: 60) afirma que “la etnografía es una experiencia de traducción entre el mundo social de las personas cuya acción estudiamos y el mundo social de la disciplina antropológica con sus procesos y estructuras de saber experto.” E a ideia de tradução perpassa este trabalho desde a questão linguística até às conclusões.

Adolescentes cariocas

Entrevistei 31 estudantes de 13 a 19 anos, todos eles brasileiros. Todas as entrevistas nas duas cidades foram feitas, em sua maioria, nas escolas. Mas não foi fácil fazê-los falar. Foram poucos os que estabeleceram uma relação mais à vontade comigo. Muitas respostas eram: “não sei” ou “não lembro”. E sabemos que não saber significa algo, assim como não lembrar. Pode ser desinteresse, esquecimento ou mesmo não fazer parte dos seus pensamentos e por isso não ter muita importância. Quando digo que não lembro o título do livro ou de seu autor, não é apenas a memória que está em jogo. Mas isto expressa o quanto esse título ou esse autor não foi muito pronunciado.

N. tem 14 anos, mora com a avó e o que mais gosta de fazer em seu tempo livre é jogar e ler. Mas diz que não gosta de ler forçado, ler por obrigação algum livro da escola. Prefere ler quando tem vontade. Esse aspecto da liberdade para escolher o que, quando e como ler aparece nos depoimentos de muitos adolescentes. Claro que a ideia de liberdade também está diretamente associada à juventude, ao desejo de romper com padrões e modelos e a imagem do adolescente está muito ligada à de alguém que não quer se submeter à ordem e à lei. Não é à toa que são vistos como rebeldes por não se conformarem com as regras impostas, em particular pelos pais e pela escola. Ler

obrigado, mesmo para os que gostam de ler, é uma dificuldade. Ainda que afirmem que gostaram dos livros selecionados pelo colégio.

N. compra livros com frequência, vai a livrarias com a avó e tem uma estante cheia deles no seu quarto, e ganha livros da família com frequência. Ou seja, o livro tem um valor simbólico dentro deste contexto familiar. Ele é valorizado e reconhecido como presente. Este dado é interessante por se contrapor a um dado macro sobre a sociedade brasileira que apareceu na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*. De acordo com os questionários 85% dos não leitores nunca foram presenteados com livros na infância.

Percebi que frequentar a biblioteca não é um hábito. Um deles, aluno de uma escola particular, afirma: “Eu não vou à biblioteca. Eu normalmente pego livros de casa. Antes a gente era obrigada a pegar livro na biblioteca e eu não gostava muito. Por que não me interessava, mas eu tinha que pegar um livro.” Mesmo para leitores a biblioteca não é um lugar que frequentam, não tem curiosidade de ver que livros chegaram, nem passar um tempo lá. Isso demonstra o quanto o espaço da biblioteca mesmo em escolas particulares, não é visto como um lugar de lazer, prazeroso, onde acontecem atividades interessantes. A exceção é L., de 13 anos que conta que, no ano anterior, foi muito à biblioteca porque a professora fazia um trabalho lá. “A cada 15 dias você tinha que pegar um livro, ler e fazer um trabalho sobre ele”, lembra ela.

Como N., I. de 12 anos, não costuma ir à biblioteca. Diz que não gosta de pegar livro lá por que prefere ter o livro e cuidar dele, diferentemente de outros colegas que estragam os livros. E, além de ganhar livros, cresceu em uma família leitora. Fala com certo orgulho que seu pai lê muito, todos os dias, muitos livros em inglês, de “estudo”, que enchem a casa. Já sua mãe não lê tanto quanto o pai.

Um dos títulos muitas vezes citado é *Querido Diário Otário*¹. I. já leu vários da coleção que é um sucesso. É um *best-seller* internacional e vendeu milhares de exemplares em vários países. Os livros para o público adolescente fazem parte de um segmento que tem crescido muito e não apenas no Brasil. A série *Harry Potter* de J. K. Rowling e mais recentemente os livros sobre vampiros como *Crepúsculo* foram um estrondoso sucesso para além dos próprios livros com filmes, DVDs, produtos diversos e, no caso do *Harry Potter*, até Parque Temático. Mas I. , diferentemente de outros estudantes da sua idade, não faz parte do universo de fãs. “Eu nunca gostei muito de

¹ Trata-se de uma série de livros infanto-juvenis do escritor e ilustrador norte americano [Jim Benton](#), publicada pela editora [Scholastic](#). No Brasil a série começou a ser publicada pela Editora Fundamento em 2007 e já tem 10 volumes.

Harry Potter e Crepúsculo. E esse ano o novo *Jogos Vorazes* também não gostei. *Nárnia* foi assim, por acaso. Eu gostava mais de princesas...”

A leitura para I. e para outros adolescentes está estreitamente ligada ao universo doméstico, da intimidade da casa, mais especialmente do quarto. A maioria gosta de ler deitada na cama, antes de dormir. A necessidade de silêncio para leitura é um outro aspecto interessante e que nos permite pensar nas particularidades da leitura no Brasil. Em países onde a leitura está amplamente disseminada como a França e a Argentina, por exemplo, a leitura nos meios de transporte é muito mais intensa do que no Brasil. A familiaridade com o livro, seja como objeto, seja como suporte para a leitura, não exige sempre um lugar especial para acontecer.

Ao mesmo tempo para muitos este hábito de leitura noturna e na cama remete a uma prática desenvolvida por vários pais de contar histórias ou ler livros para seus filhos antes de dormir. É o caso de P. de 13 anos que lembra de quando era pequena: “Eu lia muitos livros e meus pais liam bastante para mim. Quando ia dormir sempre contavam alguma história para mim.”

G. de 14 anos tem pais não leitores e poucos livros em casa. Ele afirma que não gosta de ler por que acha chato. “Eu começo a ler depois me distraio e desisto.” A leitura não faz parte da rotina familiar e o bairro onde vive também não estimula. Não há bibliotecas e a livraria mais próxima fica em um shopping distante. Para J. de 15 anos o que foi fundamental para estimulá-la a ler foi a participação em grupo de sua igreja – evangélica – no qual discutem textos religiosos. Ela diz: “Agora leio muito mais e gosto de ler textos antigos”.

Adolescentes barceloneses

Foram realizadas 12 entrevistas em grupo, com de três a cinco adolescentes por vez, das quatro escolas, totalizando 48 estudantes. Posteriormente entrevistei individualmente quatro destes jovens. Este grupo têm 13 a 18 anos, são espanhóis e de mais 14 outras nacionalidades (Bangladesh, Polônia, Equador, Argentina, Índia, Uruguai, Filipinas, Honduras, Bolívia, República Dominicana, Colômbia, Marrocos, Brasil, Chile).

A leitura para os adolescentes em Barcelona também está ligada ao universo doméstico, à intimidade da casa, especialmente do quarto. A maioria gosta de ler deitada na cama, antes de dormir. Como conta N., 13 anos, catalã: “Por la semana leo en la cama

a la hora de dormir”. Aparece a ideia de um tempo e um espaço próprios para mergulhar em outro mundo, se afastar do cotidiano e dos estudos. Outros, ao contrário, preferem ler em algum meio de transporte como comenta A. 14 anos, catalã: “Siempre llevo un libro cuando cojo el metro, sino me aburro”.

O caso de J., 13 anos, catalão é interessante para relativizar o papel dos pais. Seus pais são leitores, têm muitos livros em casa mas isso não fez dele um leitor. Não gosta de ler. Quando era pequeno sua mãe contava histórias para ele mas hoje acha que os livros são cada vez maiores e mais chatos. E descreve assim seu pai: “Mi padre tiene eso de leer como una enfermedad, está todo el tiempo con un libro y me obliga a leer pero yo paso de todo.”

Em geral há muitas mães leitoras, segundo os depoimentos. Sejam leitoras de romances ou revistas. F. de 15 anos é de Bangladesh e conta que seus pais gostam de ler, sendo que sua mãe prefere ler livros de Bangladesh porque não entende muito castelhano, nem catalão e sai pouco de casa. Os pais nem sempre são mencionados, alguns não sabiam dizer se eram leitores e outros destacaram os jornais esportivos como sua leitura predileta. Sendo leitores ou não, o que fica evidente na fala destes jovens é que sejam profissionais liberais, funcionários ou estejam desempregados, os pais valorizam o estudo e acreditam que para que seus filhos sejam “alguém” na vida precisam ler.

Para meus entrevistados frequentar a biblioteca pública é algo que faz ou fez parte de seu cotidiano. Todos têm cartão da biblioteca, conhecem a do seu bairro e frequentam-na por motivos diversos: fazer os deveres, encontrar amigos ou pegar um livro. M., 16 anos, espanhola, diz: “Voy a biblioteca hacer deberes porque en mi casa no me concentro una vez que hay demasiado ruido y también la tele y el ordenador me entretienen”. Aqui além da referência à biblioteca como um espaço utilizado não somente para pegar livros, aparece a dificuldade de concentração presente em muitos depoimentos. A dificuldade de concentração, de “entrar” em um livro, de prestar atenção na aula. Algo que une jovens do Rio de Janeiro e de Barcelona e talvez de outras cidades. E tem relação com essa faixa etária como fase de transição, com alterações de humor e hormonais, assim como uma relação intensa com os meios de comunicação e a necessidade de estar sempre conectado.

A partir dos depoimentos dos jovens, da minha vivência em Barcelona como usuária de bibliotecas públicas, da observação desse espaço público juntamente com as entrevistas realizadas com especialistas da área, pude entender a dimensão e o significado da biblioteca pública naquela cidade. Segundo informação de uma entrevistada do setor, é o serviço público melhor avaliado na cidade. As bibliotecas são um espaço de

informação, lazer e entretenimento. Um espaço gratuito de empréstimo de livros, CDs e DVDs, de acesso ao acervo livremente e à internet, de atividades recreativas para crianças e culturais para jovens e adultos, funcionando até a noite e aos sábados.

Conclusão

Sabemos que a leitura é uma prática cultural socialmente construída. É sempre apropriação, invenção, produção de significados. E a liberdade do leitor nunca é absoluta. Ao longo dos séculos houve uma transformação dos suportes e conseqüentemente uma transformação da leitura. Passamos do livro em rolo para o de bolso e mais recentemente para as plataformas digitais. Neste artigo buscamos abordar o livro e a leitura como ponto de partida e fonte de reflexão para pensar dois grupos específicos de leitores: adolescentes de Barcelona e do Rio de Janeiro.

O livro não é mais um objeto sagrado, restrito a especialistas ou a poucos leitores como na Idade Média, por exemplo. Ele também não é mais exclusivo da alta burguesia. Ganhou mundo, se tornou um produto da indústria cultural e um veículo da cultura de massa. Hoje os *best-sellers* tem edições de mais de 100 mil exemplares e a venda não está mais restrita às livrarias ou aos vendedores de porta em porta. Ele pode se encontrado na internet e lido até mesmo em um celular. E essa é a realidade da leitura no século XXI vivenciada por estes jovens.

Ainda são escassos os trabalhos sobre leitura no Brasil, e mais ainda os com uma perspectiva antropológica, fruto de etnografias ou estudos de recepção com o foco no receptor e em sua fala. Alguns aspectos, a meu ver, ficaram muito evidentes na observação e escuta desses adolescentes. Eles lêem sim, ainda que não como gostariam seus pais, seus professores e a sociedade. Lêem de distintas maneiras e distintos textos. Seu leque de leituras é vasto e misturam de histórias em quadrinhos a livros escolares, passando por blogs, best sellers e clássicos. De maneira geral, percebi que o livro faz parte de suas vidas.

Em Barcelona as bibliotecas públicas dos bairros têm um papel fundamental. São um espaço de estudo, de socialização e de contato livre e voluntário com o livro, como demonstraram as falas dos jovens. Mais do que as bibliotecas das próprias escolas, as públicas são frequentadas por jovens, como pude perceber nas diversas visitas que fiz a

diferentes bibliotecas. No Rio de Janeiro, ainda há poucas bibliotecas públicas – o projeto das Bibliotecas Parque é a exceção - E muitas escolas não tem bibliotecas e quando tem o seu funcionamento restrito. Ou seja, a relação dos adolescentes cariocas com as bibliotecas é escassa ou nenhuma. O que significa que este universo específico da leitura não faz parte da vida destes jovens.

Os pais e a família são muito importantes na construção de jovens leitores mas não são determinantes. Certamente os adolescentes mais leitores cresceram em um ambiente de estímulo à leitura, com mães contando histórias antes de dormir quando eram crianças, com pais lendo livros, frequentando bibliotecas e livrarias, compartilhando leituras e valorizando o livro. Mas tudo isso não é garantia de filhos leitores como vários demonstraram. E o contrário também. Pais menos leitores, com bagagem cultural mais restrita, com pouca intimidade com os livros, mas que de alguma forma valorizaram a escola e em especial o estudo ajudaram a criar leitores.

O papel das escolas no processo de formação de leitores é fundamental e bastante complexo. É evidente que um ambiente propício à leitura com discussão em sala, produção de textos literários pelos alunos, participação em festas literárias facilita a “produção” de adolescentes leitores. Neste aspecto a escola tem um desafio pela frente de fazer com que a obrigação de ler não afaste os estudantes do livro, não os impeça de adquirir o hábito da leitura nem de se tornar leitores por prazer.

Pedro Cerrillo (Lluch, 2010: 96) ao analisar o ensino da literatura e dos clássicos literários na Espanha chama a atenção para a necessidade de as escolas recorrerem “a diversas estratégias que hagan más flexible la ‘obligatoriedad’ de su lectura: la selección rigurosa de los textos (teniendo en cuenta la posible empatia de los mismos con los lectores, la cercania de sus contenidos o personajes y la accesibilidad de su lenguaje) las adaptaciones y las lecturas fragmentadas.” Ou seja, se a escola não estiver muito atenta ao contexto e ao interesse dos jovens, não será suficiente exigir que leiam seis livros por ano. Uma alternativa seria que um dos livros de leitura obrigatória durante o ano letivo fosse escolhido pelos alunos, a partir de uma discussão em sala, de um debate aprofundado com direito a defesa de autores e títulos em uma espécie de eleição onde os alunos se sentiriam participantes desse processo.

Teresa Colomer (2009:54) é bastante crítica em relação à atitude das escolas em geral. Para a professora e estudiosa de literatura infantil o efeito da escola tem sido de

formar e de dissuadir, já que o caminho que a escola percorre com os alunos não conduz a ler de forma permanente, muitas vezes leva a uma diminuição da leitura. Ela cria uma rejeição e em determinados momentos a pressão escolar impede que os jovens façam uma leitura mais pessoal. Quando ela pode e deveria ser capaz de criar um espaço literário que permita a concepção de um leitor.

O que percebi na pesquisa nas duas cidades foi que é fundamental se abrir espaço para expressão destes adolescentes. Muitos queriam ser entrevistados, falar, contar suas histórias, suas vidas, suas leituras e suas dificuldades com elas. Não resta dúvida de que a leitura é um valor para todos eles, mesmo para os não leitores. Ninguém nega sua importância e muitos afirmam que ler é condição de sucesso na vida. Por outro lado, a leitura no ambiente escolar continua sendo vista como uma obrigação. Penso que encontrar um ponto de confluência entre dever e prazer é fundamental para a construção de uma juventude leitora.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor, HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. RJ: Zahar, 1990
- _____. *Notas de literatura*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1991.
- AMORIM, Galeno.(org.) *Retratos da leitura no Brasil*. SP: Imprensa Oficial-Instituto Pró-Livro, 2008
- BERNARDO, G. “O conceito de literatura” IN: JOBIM, J. L. (org) *Introdução aos termos literários*. RJ: EdUERJ, 1999.
- BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BOURDIEU, P. *A distinção*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, P. In: CHARTIER, R. *Pratiques de la lecture*. Paris: Payot & Rivagesn, 1993.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro – do leitor ao navegador*. SP; UNESP, 1998.
- _____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: UNB, 1994.
- COELHO, Maria Claudia. *O valor das intenções*. RJ: FGV, 2006.

COLOMER, Teresa. (coord.) *Lecturas adolescentes*. Barcelona: Editorial Graó, 2008.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. SP: Cia das Letras, 1990.

DAUSTER, Tania & FERREIRA, Lucelena (orgs.) *Por que ler? Perspectivas culturais do ensino da leitura*. Rio de Janeiro, Lamparina, 2010.

DAUSTER, Tania, TOSTA, Sandra Pereira & ROCHA, Gilmar (orgs.) *Etnografia da educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

DEL OLMO, Margarita. *Dilemas éticos en antropología*. Las entretelas del trabajo de campo etnográfico. Madrid, Editorial Trotta, 2010.

DICIONÁRIO DO LIVRO

ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. SP: Cia das Letras, 2009.

FARIA, M. I. *Dicionário do Livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: Edusp, 2008.

GOODY, J. *Literacy in Traditional Societies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

ISER, W. “A interação do texto com o leitor”. IN: COSTA LIMA, (org.) *A literatura e o leitor*. SP: Paz e Terra, 2001.

JAUSS, H. R. *Pour une esthétique de la réception*. Paris, Gallimard, 1996.

LLUCH, Gemma (Ed.) *Las lecturas de los jóvenes*. Um nuevo lector para un nuevo siglo. Barcelona: Anthropos Editorial, 2010.

MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. SP: Cosac Naify, 2013.

MARTIN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações*. RJ: EdUFRJ, 2001.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura*. São Paulo: Ed 34, 2008.

PROENÇA, Domício. *A linguagem literária*. SP: Ática, 2007.

RADA, Ángel Díaz de. “Etnografía de la escuela más Allá de la etnografía y de la escuela. Tensiones disciplinares y aplicabilidad del los saberes etnográficos.”. Paper apresentado na UAB em maio de 2013.

TSCHICHOLD, J. *A forma do livro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

Retratos da Leitura 2012. In: <http://pt.slideshare.net/JCOnline/retratos-da-leitura-no-brasil-2012> Acessado em 25 de março de 2015.

Habitos de lectura 2012. In: http://www.mcu.es/libro/docs/MC/Observatorio/pdf/Habitos_lectura_2012.pdf Acessado em 25 de março de 2015.